

A INTERAÇÃO FAMÍLIA – ESCOLA OS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL

Viviane de Sousa¹

RESUMO

Este trabalho apresenta uma abordagem acerca dos benefícios que a interação família e escola proporcionam para o processo ensino-aprendizagem da criança nos anos iniciais do ensino fundamental. Para iniciar a pesquisa bibliográfica foi feita uma extensa leitura, em seguida foi feito o fichamento das partes principais. Feita as reflexões, iniciou-se a escrita do trabalho, permeado pela história da criança, com objetivo de conhecer como a imagem da criança foi evoluindo paulatinamente dentro da família e sociedade. No primeiro capítulo foi feita uma discussão sobre a história da criança dentro da família e sociedade a partir do século X, dentro da concepção de Ariés (1978), até meados do século XIX. Após essa discussão foram feitas outras abordagens acerca de novas concepções sobre a educação da criança ocorridas durante os séculos XV e XVI no período do Renascimento. Dentre alguns autores abordamos Rousseau, Piaget, Comênius e Vygotsky. No segundo capítulo foi abordado o primeiro contato social da criança, que é a escola, fazendo uma análise da relação da integração entre a família e a escola nos anos iniciais do ensino fundamental e quais contribuições essa integração traz para o desenvolvimento das habilidades da criança e seu processo social. O elemento comum entre a família e a escola é a criança. É necessário conhecer e questionar o universo em que a criança vive para que a partir dele a escola norteie seu trabalho. É preciso que a escola evite conflitos entre o que é aprendido dentro da instituição com que se aprende no cotidiano familiar, resultando dessa forma na democracia no meio educacional. A família de um lado participando, ajudando, enfim, caminhando juntamente com a escola, por sua vez aceitando propostas, esclarecendo dúvidas, mostrando caminhos para que essa interação seja também uma estratégia para chegar-se a um ponto comum, almejado tanto pela família quanto pela escola: uma educação igualitária e eficaz.

PALAVRAS - CHAVE: família – escola – ensino-aprendizagem.

ABSTRACT:

This work presents an approach about the benefits that the family and school interaction provide for the teaching-learning process of the child in the early years of elementary school. To start the bibliographic research, an extensive reading was carried out, then the main parts were recorded. After the reflections, the writing of the work began, permeated by the history of the child, with the objective of knowing how the image of the child was gradually evolving

¹ Graduação em Pedagogia pela FUCAMP, Pós-graduação em Educação de Jovens e Adultos pela Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: viviane.sousa10@gmail.com

within the family and society. In the first chapter, a discussion was made about the history of the child within the family and society from the tenth century, within the conception of Ariés (1978), until the mid-nineteenth century. After this discussion, other approaches were made about new conceptions about child education that occurred during the 15th and 16th centuries in the Renaissance period. Among some authors, we approach Rousseau, Piaget, Comenius and Vygotsky. In the second chapter, the child's first social contact, which is the school, was addressed, analyzing the relationship of integration between the family and the school in the early grades and what contributions this integration brings to the development of the child's skills and their social process. . The common element between the family and the school is the child. It is necessary to know and question the universe in which the child lives so that the school guides its work from there. It is necessary that the school avoid conflicts between what is learned within the institution with which it is learned in the family routine, thus resulting in democracy in the educational environment. The family on the one hand participating, helping, finally, walking together with the school, in turn accepting proposals, clarifying doubts, showing ways for this interaction to also be a strategy to reach a common point, desired by both the family and the family. by the school: an egalitarian and effective education.

KEY - WORDS: family - school - teaching and learning

INTRODUÇÃO

A família e a escola estão passando por profundas transformações e ambas precisam acompanhar tais mudanças de forma conjunta, na busca de um processo de aprendizagem significativa para as crianças e ajudando uns aos outros na busca de um objetivo comum, o de educar das crianças. Existem vários estudos empíricos e uma vasta bibliografia de autores importantes que buscam compreender a importância da família e da escola para o desenvolvimento infantil, especialmente na construção de sua aprendizagem. Trata-se de um processo complexo, ou seja, não existe um conceito único acerca de qual é o modelo ideal de família e de escola. Ambos se perfazem em dois contextos diferentes e relevantes, onde cada um detém um papel de fundamental importância e influência quando se trata de questões relativas à educação e ao desenvolvimento da criança.

A partir desses pressupostos surge então a necessidade da interação entre a família e escola nos anos iniciais do ensino fundamental, pois são nos anos iniciais que se constroem os valores morais, os princípios que acompanharão o indivíduo em sua vivência. O elemento comum entre a família e a escola é a criança. É necessário conhecer e questionar o universo em que se vive a criança para que a partir dele a escola norteie seu trabalho.

A INTERAÇÃO FAMÍLIA

A educação escolar nos anos iniciais é pertinente, do ponto de vista afetivo, pois é quando a criança amplia sua convivência social, colocando em confronto a educação do meio familiar e a educação escolar. É preciso que a escola evite conflitos entre o que é aprendido dentro da instituição com o que se aprende no cotidiano familiar. A família de um lado participando, ajudando, caminhando juntamente com a instituição de ensino e esta por sua vez aceitando propostas, esclarecendo dúvidas, mostrando o caminho, para que essa interação seja também uma estratégia para chegar-se a um ponto comum almejado tanto pela escola quanto pela família: uma educação igualitária e eficaz.

É importante salientar que este tema foi escolhido visando promover a partir da revisão bibliográfica uma reflexão sobre os benefícios que trarão a interação da família com a escola no processo de aprendizagem da criança nos anos iniciais do ensino fundamental e valorizar a importância da estrutura familiar para o desenvolvimento do processo de socialização dentro do ambiente escolar.

O convívio familiar é o primeiro ambiente de socialização do indivíduo, dentro do contexto de uma educação informal. Neste tipo de educação a criança possui suas crenças e costumes adquiridos e repassados a ela pelos pais e demais membros da família com quem convive. Já no ambiente escolar, o professor dá continuidade nos aprimores da vida. Nesse recinto educacional, a criança dos anos iniciais do ensino fundamental além de aprender a norma culta necessária à vida prática, aprende também a socialização que a vida em comunidade requer através de trocas de experiências, ou seja, a criança não só aprende como também desenvolve valores sociais importantes, dentre eles: o respeito, a compreensão e a solidariedade, o saber ouvir e falar. Conviver, relacionar-se com o próximo e trabalhar em equipe são habilidades adquiridas que só se consumem quando intermediada pelo outro.

Pois como diz Arroyo, os aprendizes se ajudam uns aos outros a aprender, trocando saberes, vivências, significados, culturas. Trocando questionamentos seus, de seu tempo cultural, trocando incertezas, perguntas, mais do que respostas, talvez, mas trocando. (ARROYO, 2000, p. 166.)

Como suporte teórico para sustentar a pesquisa sobre a importância da relação família/escola para o desempenho escolar das crianças dos anos iniciais do ensino fundamental, fez-se necessário versar sobre alguns aspectos diretamente ligados a essas questões, foi feita uma extensa leitura, em seguida o fichamento das partes principais, refletindo sobre as mesmas. Então, iniciou-se a escrita do trabalho, permeando pela história da

criança, com o objetivo de conhecer como a imagem da criança foi evoluindo paulatinamente dentro da família e da sociedade.

Esse conhecimento nos beneficiará enquanto educadores e transformadores da educação, visto que proporcionará subsídios para um trabalho adequado, principalmente em relação às diversidades culturais inerentes ao ser humano nos seus mais diversos aspectos cultural, de raça, de religião e de gênero. Além do mais, este estudo incentivará, promoverá e conscientizará sobre o desenvolvimento do papel social e pedagógico nas escolas em parceria com as famílias para fins de um efetivo desempenho escolar das crianças desde os anos iniciais do ensino fundamental.

A comunidade escolar (que inclui todos os membros escolares, inclusive os familiares), tem total responsabilidade nesse aspecto, pois ela é quem direciona os parâmetros e estabelece os métodos de aplicação nas atividades sociais. É indispensável a necessidade de se buscar mecanismo de integração da família na escola para melhorar a qualidade do processo ensino aprendizagem.

O processo de ensino é um processo contínuo e não se restringe apenas a conteúdos escolares. Por isso a interação Família e escola são primordiais. Trata-se de duas instituições independentes, porém que têm algo em comum: o filho/aluno e percebe-se que quando a família se preocupa com a aprendizagem da criança, o rendimento escolar é de qualidade.

Sendo assim, o questionamento que norteia este trabalho é: Como a família pode contribuir no processo de ensino aprendizagem dos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental?

A pesquisa tem como objetivo geral: analisar a participação da família na aprendizagem dos alunos dos anos iniciais ensino fundamental, tem como objetivos específicos identificar a importância do papel da família no desenvolvimento escolar das crianças, conhecer também estratégias que possam ser utilizadas para promover a participação da família.

1. A EVOLUÇÃO DA IMAGEM DA CRIANÇA DENTRO DO ÂMBITO FAMILIAR E DA SOCIEDADE NA CONCEPÇÃO DE ARIÉS

As crianças nem sempre foram vistas e compreendidas como hoje. Há séculos atrás assim que se tornavam autônomas, ou seja, capazes de dar conta de suas necessidades básicas,

passavam a ser tratadas como seres já maduros, sendo a infância apenas uma fase transitória (ARIÈS, 1978).

Por volta do século XII era provável que não houvesse lugar para a infância, uma vez que a arte medieval a desconhecia (ARIÈS, 1978). Nesta época, criança era tida como uma espécie de instrumento de manipulação ideológica dos adultos e, a partir do momento em que elas apresentavam independência física, eram logo inseridas no mundo adulto e a educação era garantida pela aprendizagem através de tarefas realizadas juntamente com os adultos. A criança era vista como um adulto em miniatura e, por isso, trabalhavam nos mesmos locais, usava as mesmas roupas, era tratada da mesma forma que o adulto.

E assim se procedeu até meados do século XIII, onde nas obras românicas as crianças não eram caracterizadas com alguma expressão particular, mas sim como homens de tamanho reduzido. Ainda no século XIII surgiram alguns arquétipos de crianças, que nos remetem, em parte, aos sentimentos modernos. O primeiro seria a imagem do anjo, ou basicamente das crianças – quase adolescentes – que eram educadas para ajudar nas missas, e que se dedicavam a ordem, pois os seminários ainda não existiam (ARIÈS, 1978).

Ariès (1978, p. 52) cita como exemplo o anjo de Reims que “seria um menino já grande, mais do que uma criança, mas os artistas sublinhariam com afetação os traços redondos e graciosos – e um tanto afeminados – dos meninos mal saídos da infância.” Este tipo de infância ainda foi retratada com muita frequência no século XIV, tendo como exemplo os anjos de Botticelli (ARIÈS, 1978).

Essa representação ou a falta de gravuras com crianças perdurou até mais ou menos o século XV e XVI, onde havia uma tendência em separar o mundo da criança do mundo do adulto.

Na sociedade medieval, o sentimento da infância não existia, isto é, não havia consciência das peculiaridades infantis, as quais distinguem uma criança de um adulto ou mesmo de um jovem. Nas linhas de raciocínio de Ariès,

A indiferença marcada que existiu até o século XIII – a não ser quando se tratava de Nossa Senhora menina – pelas características próprias da infância não aparece apenas no mundo das imagens: o traje da época comprova o quanto a infância era tão pouco particularizada na vida real. Assim que deixava os cueiros, ou seja, a faixa de tecido que era enrolada em torno de seu corpo, ela era vestida como homens e mulheres de sua condição (ARIÈS, 1978, p. 32)

Essa indeterminação da idade se estendia a toda atividade social: aos jogos e brincadeiras, às profissões e às armas. É importante frisar que, partindo do século XIV, em que a criança vestia-se como adultos, chegamos ao traje especializado da infância, o qual hoje nos é familiar.

No final do século XVI, o traje das crianças, distinguiu-se dos adultos. Contudo, não foi um privilégio das crianças, era a necessidade de separá-las de uma forma visível, através do traje. Esse foi um fator fundamental, para a formação do sentimento da infância, onde constitui-se uma sociedade de crianças separadamente do mundo dos adultos.

O sentimento da criança privilegiou primeiramente os meninos, enquanto as meninas ainda continuaram a vestirem-se como mulherzinhas.

Por volta de 1770, os meninos deixaram de usar o vestido com gola (de renda das meninas, que era exatamente igual às das senhoras), aos quatro-cinco anos. Antes dessa idade, porém, eles eram vestidos como meninas, e isso continuaria até o fim do século XIX: o hábito de efeminar os meninos só desapareceria após a Primeira Guerra Mundial, e seu abandono deve ser relacionado com o abandono do espartilho das mulheres: uma revolução no traje que traduz a mudança nos costumes. (ARIÉS, 1978, p. 39)

Ainda no fim do século XVI, e, sobretudo no século XVII, surgiram críticas acerca do sentimento da infância. Algumas pessoas não se sentiam bem com a presença de crianças. Não era considerado adequado, crianças ficarem no meio dos adultos, especialmente na mesa para que não fossem mimadas e tornassem mal educadas. Podemos perceber essa repugnância na citação abaixo:

Não posso conceber essa paixão que faz com que as pessoas beijem as crianças recém-nascidas, que não têm ainda nem movimentos na alma, nem forma reconhecível no corpo pela qual se possam tornar amáveis, e nunca permiti de boa vontade que fossem alimentadas na minha frente. (ARIÉS, 1978, p. 101)

Podemos dizer que a partir do século XVII é que houve uma evolução nos temas da primeira infância. Foi neste século que ficou mais comum o retrato da criança sozinha ou junto à família em posição de destaque. Tal postura fez com que o final do século XVII fosse considerado o marco na evolução dos sentimentos em relação à infância, origem de uma preocupação com a formação moral da criança e com sua construção como indivíduo. Foi nesta época que se começou realmente a falar na fragilidade da infância. Esta tradição, que

nasceu no século XVII, continua até hoje, tendo sido apenas substituída pela fotografia (ARIÈS, 1978).

A partir do século XVIII, a família começa a preocupar-se com a higiene e com a saúde física da criança, também com a formação da alma. Foi a partir desse momento que surgiu o papel fundamental da escola na educação das crianças. Ela passou a ser tratada com particularidades e a ser percebida em sua singularidade, possuindo sentimentos próprios (ARIÈS, 1978).

É importante salientar que o primeiro sentimento da infância foi caracterizado como “paparicação”, surgindo no cotidiano familiar com crianças pequenas.

A maneira de ser das crianças deve ter sido sempre parecida encantadora às mães e às amas, mas esse sentimento pertencia ao vasto domínio dos sentimentos não expressos. De agora em diante, porém, as pessoas não hesitariam mais em admitir o prazer provocado pelas crianças pequenas, o prazer que sentiam em paparicá-las. Mme de Sévigné confessa, não sem uma certa afetação, que passava longo tempo se distraindo com sua netinha: “Estou lendo a história das descobertas das Índias por Cristovão Colombo, que me diverte imensamente: mas vossa filha me distrai ainda mais... Eu a amo muito... Ela acaricia vosso retrato e o paparica de um jeito tão engraçado que tenho que correr e beijá-la. (ARIÈS, 1978, p. 101)

Devido a essa “paparicação”, a criança passou a ser visto como um ser engraçado, que faz outras pessoas rirem do seu jeito de falar e de se expressarem. Começou a partir de então, um sentimento de apego à infância e as suas particularidades.

O segundo sentimento da infância proveio de uma fonte exterior a família: dos eclesiásticos ou dos homens da lei, raros até o século XVI, e de um maior número de moralistas no século XVII, preocupados com a disciplina e a racionalidade dos costumes. Esse foi um período em que os moralistas sensibilizaram com a infância. Contudo, acreditavam que as crianças eram criaturas de Deus, as quais precisavam de preservar e disciplinar. Esse sentimento por sua vez passou para a vida familiar.

No século XVIII, podemos perceber que a família passou a preocupar-se com a higiene e com a saúde física. Tudo que diz respeito à criança passa a ser relevante. A partir desse momento a criança havia assumido um papel central dentro do seio familiar.

Portanto, podemos verificar que o descaso com a infância é fato histórico. Não se preocupavam com suas reais necessidades.

Em relação a vida escolar, os adultos e as crianças eram tratados igualmente nas escolas e não se levava em conta a idade de ambos. As matérias eram ensinadas de forma que os

alunos decorassem, era uma aprendizagem em que as crianças eram entregues às famílias substitutas ou a internatos para dar andamento a seus estudos.

A escola era conservadora, os alunos deveriam ser obedientes ao mestre, deixando as famílias verdadeiras em segundo lugar. Os filhos dos burgueses possuíam uma educação diferenciada da classe pobre. Segundo Ariés (1978, p. 108), “assim que ingressava na escola, a criança entrava imediatamente no mundo dos adultos”.

É importante ressaltar que as meninas não tinham nenhuma formação educacional, além da aprendizagem doméstica. A educação que as meninas recebiam era voltada para um treinamento a fim de que se comportassem como adultas e serem boas donas do lar, isso desde a idade de 10 anos. As mulheres eram semianalfabetas, mal sabiam ler e escrever. As meninas eram enviadas a conventos e recebiam uma instrução destinada à religiosidade.

Assim sendo, o sentimento da família nasceu e desenvolveu do século XV até o século XVIII, na qual limitava à elite, a aristocracia e a burguesia. A partir do século XVIII ele estendeu-se a todas as camadas da sociedade. Ariés corrobora que,

A partir do século XVIII, as pessoas começaram a se defender contra uma sociedade cujo convívio constante até então havia sido a fonte da educação, da reputação e da fortuna. Daí em diante um movimento social iniciaria a diferenciação entre senhores e criados, grandes e pequenos, amigos ou clientes. (ARIÉS, 1978, p. 191)

A família que antes era uma instituição com a função de transmitir bens e nome, assumiu a função de formar corpos e almas. Este era o sentimento moderno da família. Até mesmo as meninas neste período tiveram uma preparação para a vida. O papel da escola na educação das crianças era fundamental, contudo, tinham uma disciplina severa. Os pais preocupavam com a educação de suas crianças, preparando-as para administrarem a sua fortuna, os ornamentos da pátria, da família e dos amigos.

É necessário ressaltar que a família e a escola retiraram a criança da sociedade dos adultos. A escola fez uma grande transformação da infância, que antes era livre, tornando-se um regime disciplinar muito rigoroso, que nos séculos XVIII e XIX resultou-se nos chamados internatos.

Durante muitos séculos a educação das crianças era de responsabilidade da família em particular da mãe. Segundo Rousseau (1968), a aprendizagem não deveria ser concebida aos muros escolares, ou seja, a aprendizagem não deveria ser institucionalizada, e sim uma forma livre de responsabilidade familiar, em que os próprios familiares deveriam ficar a cargo de

A INTERAÇÃO FAMÍLIA

ensinar e conduzir a aprendizagem dos filhos. Especialmente pelo fato de que a escola, muitas vezes não respeita a individualidade, a essência cultural e social dos alunos, ficando assim, alheia às reais necessidades e vilipendiando interesses.

O sistema pedagógico criado por Jean Amós Comênius (1593-1670), constitui-se fundamentalmente ao caráter dependente da natureza. O filósofo concorda com uma educação escolar, porque para ele, a educação deve formar o homem de acordo com uma finalidade, previamente estabelecida. A educação deve compartilhar da essência humana e fazer com que o homem descubra em sua vida o valor da educação na essência e se tornar um homem através da educação.

Comênius (1954) procurou explicar sua teoria empírica na educação, no desenvolvimento natural do homem e que esse se desenvolve naturalmente de acordo com a sua idade, sua capacidade e conhecimento. A escola deverá respeitar essa natureza e buscar métodos que respeitem o momento certo e o tempo exato de cada indivíduo, visto que a capacidade desses indivíduos é diferente a cada um. Cada homem, cada ser é único em todo mundo. Em sua *Didactica magna* (título em latim) ou *Didática Magna* (título em português), também conhecido por *Tratado da Arte Universal de Ensinar Tudo a Todos*, é um livro de Comenius publicado em 1649, um método universal de ensinar tudo a todos, e de ensinar com tal certeza, que seja impossível não conseguir bons resultados – no qual dispõe de um método de ensino de acordo com a ordem natural das coisas.

Segundo Comênius (1954), a compreensão e assimilação do conhecimento não se dão instantaneamente. O ensino é um processo e tem um papel decisivo à percepção sensorial, intelectual e até mesmo física das coisas. O homem, principalmente na infância, em especial nas séries iniciais, desenvolve-se no seu tempo e momento, na ordem cronológica, maturativa e natural de acontecer. As crianças devem se desenvolver naturalmente, e por assim dizer, os conhecimentos devem ser adquiridos a partir da observação das experiências e dos fenômenos. Também utilizando e desenvolvendo todos os seus sentimentos.

Comênius (1954) influenciou consideravelmente a educação. Criou métodos de instrução eficientes e possibilitou com que os ensinamentos posteriores atentassem para sua teoria a fim de que usufruíssem desse conhecimento sobre as égides da natureza e do conhecimento.

Mas ainda assim, na época de Comênius (1954), haviam escolas no período medieval que continham ensinamentos intelectuais dogmáticos e que não despertavam o interesse e o desenvolvimento dos conhecimentos humanos. Vilipendiavam-se todo o desenvolvimento do

ser humano frente o seu conhecimento e não aceitavam qualquer mudança ou discurso sobre a natureza educacional. Isto porque prevaleciam as instituições como sendo memoristas, reprodutivistas, conteudistas e intelectualistas.

Foram necessárias intensas mudanças as quais revolucionaram as formas políticas e sociais no contexto educacional, desenvolvendo a ciência e a cultura na dimensão estrutural vigente de outras perspectivas, resultando na diminuição do poder clerical anulando-se assim, o ensino dogmático, voltado para a nobreza. Para Rousseau essas concepções teóricas, tornaram-se a mola-mestra de suas aspirações baseadas nas necessidades e interesses iminentes das crianças.

Segundo seus pressupostos teóricos, a educação passa por um processo natural que fundamenta o desenvolvimento interno do aluno. As crianças são boas desde quando nascem e conseqüentemente desenvolvem-se numa tendência natural.

Rousseau (1968) atenta-se para uma prática pedagógica desinstitucionalizada, ou seja, o indivíduo não deveria ser conduzido ao ensino pelas escolas, e sim pela família, para que assim, ao se tornar autônomo e independente, ele seja capaz de se defender, de pensar e avaliar suas atitudes e concepções. A sociedade é um fator preponderante à corrupção humana. De acordo com Rousseau, o homem tende a ser tornar corrupto por ação do meio em que vive. O seu meio o torna mal, e somente a educação o liberta, o transforma e o faz um indivíduo virtuoso. Com isso, observa-se que a educação na teoria de Rousseau serviria como panaceia a todos os males da sociedade.

A criança é um dos seus conceitos-chave em relação à natureza e a formação do indivíduo ainda pequeno. A natureza da criança difere da do adulto. Ela tem seu tempo e momento e deverá ser respeitada, orientada e protegida, amparada pela educação familiar, pois a família deverá responsabilizar-se pela formação do indivíduo até este estar totalmente pronto e capaz de se defender e de se sustentar na sociedade. Rousseau não defende uma educação institucionalizada, e sim arcada pela própria família do indivíduo. Porque a natureza da criança deve ser respeitada aos seus interesses e não rechaçada e sucumbida às escolas como forma de desprezar sua essência e seus interesses.

A questão pedagógica deve respeitar interesses nos estudos pela criança. Antes de ensinar ciências ou quaisquer outras matérias, elas precisam ser levadas a despertar o gosto

pelo estudo. A natureza para Rousseau é um professorado, e junto com ela, a experiência e o sentimento. O que vem a salientar, enfaticamente, que as crianças aprendem o que vivenciam.

Comparando os pressupostos das teorias de Vygotsky e de Rousseau, observa-se que há uma discrepância entre ambas; enquanto Rousseau defende uma educação arcada pela própria família do indivíduo, devido ao fato da escola muitas vezes não respeitar a individualidade, a essência cultural e social dos alunos; Vygotsky defende uma educação institucionalista e também extraescolar, ou seja, dentro do ambiente familiar; reconhecendo o papel importante da escola no acesso ao conhecimento científico construído e acumulado pela humanidade, além da formação de conceitos cotidianos em geral e dos científicos.

Ao abordar as teorias de Vygotsky, remete-nos grande diversidade de assuntos por ele mencionados. A natureza de cunho psicológico relativa ao homem desde a infância até a fase adulta e as relações do desenvolvimento nos processos de aprendizagem que ocorrem num contexto, tanto escolar quanto extraescolar.

Vygotsky elaborou sua teoria numa abordagem sociointeracionista. Objetiva caracterizar os vários processos de desenvolvimento humano ao longo de toda a história de vida desse indivíduo. Procurou examinar a origem dos complexos psíquicos deste nas condições de vida historicamente formadas, principalmente ao enfoque do contexto social e as relações com o meio em que vive o indivíduo. A linguagem torna-se o seu fundamental instrumento de comunicação e integração/interação com suas outras vertentes sociais.

Para Vygotsky (1984), o meio ambiente como fator natural e individual refere-se ao homem desde a epigênese² da infância determinando o processo ensino-aprendizagem, onde o meio ambiente favorecerá a concepção educacional do indivíduo. O ser apenas não consegue dominar com seu comportamento, mas consegue interagir e transformá-lo tanto em sua visão de mundo como na sua relação com seu próprio âmbito social, familiar e escolar. Assim, o próprio homem torna-se uma “ferramenta mediadora” na interação aperfeiçoada no processo de ensino levando em conta como “ferramenta mediadora” a sua própria relação com a linguagem.

O indivíduo torna-se capaz de abstrair, analisar, discutir, experimentar, interpretar todo um contexto epistemológico a fim de desenvolver suas ideias e concepções, através de experiências vividas. O pensamento fundamenta suas atividades de forma consciente e

² Diz-se de procedimento em que o embrião se desenvolve a partir de um zigoto sem forma ou diferenciação. Conceitos como epigênese são apresentados para indicar a relação entre genética e fatores ambientais.

ocasional com as diversas práticas de envolver seu meio e construindo seu espaço no intento de transformá-lo.

Por isto, a primeira socialização do homem, enquanto criança começa nas anos iniciais, relacionando-se com as outras, buscando novos vértices, culturas, linguagem, outros aspectos diferentes daqueles vividos e conhecidos por ela.

A criança quer e sente necessidade de interagir com outras informações, pois através de seus padrões de comportamentos eleva suas experiências num processo dinâmico. Ela passa por vários estágios, inclusive em sua maneira de falar, de agir e de se comunicar.

Atualmente, deparamo-nos com outra realidade distinta dessas concepções. A criança é vista sob outro ângulo. A instituição escolar preocupa-se com todos os aspectos referentes a ela: cognitivos, psicológicos, físico e etc.

Exemplificando a afirmação, é importante ressaltar que a educação como processo de formação através das relações pessoais não se separa da educação como forma de preparar-se para as relações interpessoais.

O indivíduo bem educado através de relações interpessoais terá facilidade nos seus contatos diretos com outras pessoas. É fácil compreender o porquê: se a imagem que temos de nós mesmos é em grande parte dada pelos outros. Por isso o indivíduo, criado em condições harmoniosas tende a estabelecer relações que conduzem a uma situação harmoniosa e ao contrário, os educados em situações desequilibradas tendem a criá-la em suas relações com outros.

No período da infância, a pessoa interioriza a imagem dos pais ou dos adultos que desempenham a função de pais. Essa imagem passa a construir grande parte da personalidade do indivíduo.

Estudos que relacionam educação e família, considerando o professor como protagonista, permitem que se adentre no mundo de suas ideias e de seus pensamentos, como forma de conhecer as representações que ele – o professor – constrói e a medida que vivencia suas relações.

Abordar o tema família no contexto educacional em que estamos inseridos, instiga a repensar os valores e crenças aos quais já estamos acostumados, pois já nos são familiares. O modelo vigente, que é o da família nuclear, composta por pai, mãe e filhos, possuidores de uma ordem hierárquica e divisão de funções, não encontra mais espaços em nosso cotidiano.

A INTERAÇÃO FAMÍLIA

As mudanças impostas pela industrialização, a promulgação da lei do divórcio, o advento da revolução feminina, a entrada da mulher para o mercado de trabalho, são alguns dos fatores que fizeram com que a família se organizasse de diferentes maneiras, mostrando que não há uma forma correta de ser família.

As escolhas de constituição familiar da atualidade levam em consideração não apenas o desejo dos indivíduos, mas também, suas condições econômicas para decidirem estar juntos e ter descendentes. Desta maneira acredita-se que o professor tem um papel fundamental na formação do ser humano e, neste sentido, torna-se relevante conhecer quais são as representações e crenças que permeiam seu pensamento para que possamos ter uma melhor compreensão de sua ação docente.

A escola é uma das instituições responsáveis pela educação formal dos sujeitos, devendo cumprir a missão de transmitir os conteúdos devidamente relacionados aos partícipes de maneira que eles tenham acesso à herança cultural da sociedade.

Para que consiga atingir seus objetivos a escola deve empregar recursos dos quais se pode destacar: professores especializados, local apropriado, currículo devidamente planejado e estudado, além de recursos como materiais didáticos para se proceder à transmissão do conteúdo de forma significativa.

A escola apresenta-se como uma das instituições sociais mais importantes depois da família. É ela que faz a mediação entre as relações do ser com a sociedade. O comportamento imitativo que acontece na primeira etapa do desenvolvimento cede lugar para a elaboração do conhecimento social que o indivíduo deve adquirir para se identificar com os demais do grupo ao qual irá pertencer.

Essa humanização na escola ocorre no espaço da sala de aula, lugar onde estão agrupadas várias individualidades com suas respectivas subjetividades. Neste espaço ocorre troca social e cognitiva, faz-se necessário a presença do professor que é quem coordena e que também possui sua individualidade e subjetividade.

Diante deste pressuposto, a família não deve ser discutida somente no interior de sua organização. Cabe à escola, responsável pela continuidade do desenvolvimento do indivíduo, debater o tema com os alunos de modo que possa proporcionar a formação da identidade bem como fomentar a autonomia destes indivíduos.

Dentro desse contexto, a sociologia da educação aponta alternativas para trabalhar família-escola enfatizando que a escola necessita repensar sua postura em virtude das

modificações sociais pelas quais a família está passando, respeitando as diferenças individuais, avançando em direção ao desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem da criança, tanto nos aspectos afetivos quanto cognitivos.

Portanto, dentro da sociologia da educação, o desenvolvimento e o crescimento do indivíduo e sua inserção social, tendo relações direta com a família se dá dentro de um constante processo.

A aprendizagem escolar precisa ser uma atividade planejada, intencional e dirigida e não algo casual e espontâneo. Aprendizagem e ensino formam uma unidade, porém não são atividades que confundem uma com a outra.

A atividade do conhecimento ou cognoscitiva do aluno, principalmente nos anos iniciais do ensino fundamental, é a base e o fundamento do ensino e este dá direção e perspectiva àquela atividade por meio dos conteúdos, problemas, métodos, procedimentos organizados pelo professor em várias situações que virão depender da integração e interação tanto do sistema quanto na organização social do meio em que vive.

A aprendizagem e formação da criança está ligada com sua vida familiar, até chegar o momento de romper esse vínculo à uma outra perspectiva. A consolidação dos conhecimentos depende do significado que elas carregam em relação a experiência social das crianças e jovens na família, o meio social e a relação futura com trabalho.

O vínculo aprendizagem – meio social e família traz implicações também ao grau de compreensibilidade das matérias ou conteúdos, em relação às possibilidades reais dos alunos que efetivamente são portadores de desvantagens sociais e culturais quanto as exigências escolares. Não devendo assim, serem consideradas negativas, mas como ponto de partida para a atividade e reflexão do corpo docente.

2. O PRIMEIRO CONTATO SOCIAL DA CRIANÇA: A ESCOLA – COMO RELACIONAR A INTEGRAÇÃO NO ÂMBITO FAMILIAR E SOCIAL?

O início da vida escolar é um marco para qualquer criança. Para permitir que esse “Rito de iniciação” renda bons frutos no presente e futuro, o professor deve respeitar o aluno, montando uma proposta pedagógica de acordo com a realidade da criança. Para a criança este início é a ampliação do círculo familiar e a inserção numa instituição social mais completa.

A INTERAÇÃO FAMÍLIA

O primeiro contato escolar é de fundamental importância para o êxito de toda a longa caminhada de estudos. E o professor de classe deve ter grande compromisso e responsabilidade, neste rito e iniciação. Segundo Dehelnzelin,

Quando conseguimos acompanhar a construção do pensamento da criança é inevitável o surgimento da paixão por elas. Pois como é que seres tão pequenos, em idade e tamanho, são capazes de estabelecer tantas interligações, compondo, decodificando uma impressionante quantidade de informações? (DEHELNZELIN, 1986, p. 50)

O educador deve respeitar e considerar a bagagem de conhecimentos trazidos do seio familiar das crianças. Nos dizeres de Piaget,

O alcance educativo do respeito mútuo e dos métodos baseados na organização social espontânea das crianças entre si é precisamente o de possibilitar-lhes que elaborem uma disciplina, cuja necessidade é descoberta na própria ação, ao invés de ser recebida inteiramente pronta antes que possa ser compreendida. Nisso é que os métodos ativos prestam o mesmo serviço insubstituível, tanto na educação moral, quanto na educação da inteligência: o de levar a criança a construir ela própria os instrumentos que a irão transformar, partindo do inferior, ou seja realmente, e não mais apenas superficialmente. (PIAGET, 1984, p. 69)

É importante salientar que nosso trabalho aborda como tema central: A interação família e escola nos anos iniciais do ensino fundamental, contudo não podemos deixar de registrar aqui, a importância do primeiro contato da criança com a escola.

Os pais são os primeiros mediadores dos filhos. A interação da criança no seio familiar é muito importante. A partir deste convívio ele terá melhores condições de relacionamento no âmbito escolar. Para Mussem (1970), a influência do lar é sumamente importante para o crescimento emocional da criança, dada a importância das primeiras experiências.

Porém, tanto a família quanto à escola deve viabilizar relações pautadas na afetividade e no adequado desempenho de papéis. As crianças ao viverem ora como aluno, ora como filho, aprendem as normas sociais e éticas e compreendem o seu lugar no mundo. (OLIVEIRA, 1981)

A escola é um lugar, por excelência, onde o processo intencional de ensino-aprendizagem ocorre. Ela é a instituição criada pela sociedade letrada para transmitir determinados conhecimentos e formas de ação no mundo. Sua finalidade envolve, por definição, processos de intervenção que conduzem à aprendizagem. Diferentemente das situações informais em que a criança aprende por imersão em um ambiente cultural e informador. Na escola o professor (bem como os outros agentes pedagógicos), é uma pessoa

real, fisicamente presente diante daquela que aprende, com o papel explícito de interferir no processo de aprendizagem, procurando avanços que não ocorreriam espontaneamente.

O sucesso de qualquer proposta educacional certamente está relacionado à participação dos pais ao interesse da família pela vida escolar do aluno, ao estímulo de leitura, das atividades individuais e ao hábito de fazer e corrigir as atividades de casa juntamente com os alunos. O envolvimento de todos será de grande importância, pois quando todos se envolvem, a escola cumpre melhor o seu papel (BRAGHIROLI, 2002.).

Dando-se uma abrangência maior à educação nos anos iniciais do ensino fundamental, podemos salientar os trâmites da educação na sociedade grega, onde o filósofo Platão (387 a.c) afirma,

Quando se enviam as crianças à escola, recomenda-se aos mestres que se esforcem por ensiná-las bem a ler e a tocar bem os instrumentos de música, assim como o que diz respeito aos bons costumes[...]Quando sabem ler... faz-se que leiam os melhores poetas, obrigando-os a que aprendam de cor as suas poesias. Nelas encontram excelentes preceitos e elogios dos grandes homens da Antigüidade, para que os imitem. Quando já aprenderam bem música, põem-lhes nas mãos poesias líricas, que cantam acompanhadas pela lira, com o fim de que aqueles números e aquela harmonia se insinuem na sua alma ainda tenra, adquirindo assim ternura, finura no trato, para que sejam mais corteses, mais delicados e, por assim dizer, mais harmoniosos e afinados...pois a vida do homem necessita sempre número e harmonia. Enviam-nos também aos professores de ginástica com objetivo de que possuam um corpo são e robusto... Os que mandam os filhos aos professores, para que os instruem, são naturalmente os mais ricos, de maneira que os filhos dos mais ricos são os que começam os seus exercícios com idade mais baixa e os que os praticam durante mais tempo... até serem homens feitos." (PLATÃO. Protágoras (Fragmento In: FREITAS, Gustavo de. 900 textos. e documentos de História. Lisboa, Plátano, 1977.p. 74).

Isto implica que aos moldes da educação construída na antiguidade, a preocupação dos educadores e dos filósofos não se destacava apenas em conteúdos, em matérias disciplinares, mas também atividades que convergiam no bem estar e na saúde orgânica do indivíduo.

Não que o ideal grego de educação formasse a base ou o modelo-padrão para se elaborar ou pensar em métodos de executar currículos, era também o de constituir atividades que proporcionassem ao indivíduo o bem estar-físico e mental, práticas que o formem na estrutura corporal, dentre outras vertentes.

O contexto referente ao texto filosófico de Platão (1977, p. 74), que a construção do conhecimento se dá pela reminiscência, a recordação, e que o indivíduo, principalmente quando criança, deve-se construir esse conhecimento a partir de sua história. A educação voltada para o conhecimento impregnado aos currículos e também desenvolvendo atividades que tenham a ver com a realidade, com a necessidade e os interesses da criança.

A INTERAÇÃO FAMÍLIA

A historicidade dela juntamente com o seu meio social integrado são pontos importantes para que o professor perceba a complexidade do desenvolvimento cognitivo e cultural do aluno nos anos iniciais do ensino fundamental essencialmente, procurando aos binômios educacionais ensino/aprendizagem com conteúdos ou práticas pedagógicas concernentes à realidade educativa vigente.

A socialização é um meio de confluir as práticas pedagógicas que não concentram-se somente aos muros da escola, e sim à sociedade. A comunicação, o diálogo, o trabalho, são formas de concretizar todas as teorias pedagógicas, tudo o que gira em torno de conteúdos pedagógicos. É bom que se crie condições e espaços de desenvolvimento interdisciplinar.

São as relações interpessoais que fazem toda a diferença no processo de comunicação e expressão, onde o diálogo e o entretenimento são partes primordiais do processo. Pensando nisso, voltaremos ao tema central do trabalho: Como a família pode auxiliar o trabalho da escola junto aos filhos, interagindo-se, sendo um ponto de apoio para a instituição?

É comum ouvirmos que a escola é a segunda casa da criança. Na realidade a escola visa à socialização das crianças e essas têm grande necessidade de sentir-se realmente tão à vontade quanto em sua casa, para que o objetivo central da escola seja concretizado.

A escola é o primeiro contato da criança com a sociedade fora do seio familiar. Ela sai do espaço privado de sua casa e passa a frequentar o público diferente daquele vivido até o momento. É na escola que a criança inicia seus contatos sociais, escolher entre os colegas os que têm mais afinidade para virar seus amiguinhos mais próximos. É o lugar onde ela começa a desenvolver noções que serão importantes para o respeito mútuo e solidariedade. Vai aprender não só a ler e escrever, mas também a compartilhar. Cabe aos professores, manter contato com os diferentes familiares criando assim um elo de parceria para que se possa alcançar seus objetivos.

Grande parte da responsabilidade da adaptação da criança na escola está nas mãos do professor. Ele deve conhecer suas necessidades e evolução. Por isso, deve pedir aos pais orientações quanto às características sobre seu temperamento, saúde, alimentação, entre outras informações, etc.

O educador deve estabelecer atividades baseadas nas características do aluno. Os anos iniciais do ensino fundamental é um período onde eles adoram explorar, experimentar e perguntar. Aprendem numa velocidade surpreendente e sentem prazer em mostrar o que sabem. Querem contar suas experiências aos professores e aos amiguinhos, sentem-se

motivadas quando são elogiadas. Ao professor cabe a função não de transmitir conhecimentos, mas deve desafiar a criança a pensar, estimular suas habilidades intelectuais, ou seja, fazer com que a criança seja capaz de produzir e construir seu próprio conhecimento.

Vale ressaltar que esse é o momento em que a criança necessita de um apoio da família e da escola concomitantemente. O papel da família é mostrar confiança na escola e no professor para que a criança não fique insegura. Quando a criança voltar para casa evitar ficar fazendo interrogatórios sobre seu dia. É preciso deixar ela contar o que ela quiser. Incentivar a criança a procurar o professor sempre que precisar ou tiver alguma dúvida. Com isso, ela irá adquirir mais independência da família e criará laços efetivos com o educador.

A família é o alicerce de toda estrutura psicológica e das relações sociais da criança. É o contexto no qual as crianças constroem suas ideias e sentimentos sobre si mesmo, sobre o mundo das pessoas e o mundo dos objetos que faz dela um cidadão pensante. Dependendo da natureza do ambiente sócio-moral da vida de uma criança ela aprende de que forma o mundo das pessoas é seguro ou perigoso, carinhoso ou hostil, coercivo ou cooperativo, satisfatório ou insatisfatório.

Os sentimentos morais têm sua origem nos relacionamentos interpessoais, de acordo com Piaget, que também afirmou que a inteligência desenvolve-se no indivíduo como uma função das interações sociais, tão frequentemente negligenciadas. Segundo Piaget,

A hipótese de uma ação formadora da educação pelo adulto certamente contém uma parte de verdade, porque mesmo na perspectiva das coordenações gerais das ações materiais ou interiorizadas, em operações, o adulto que está mais avançado que a criança, pode ajudá-la e acelerar sua evolução no decorrer dos processos educativos familiares ou escolares. Mas a questão é saber se esse fator desempenha um papel inclusivo (...) (PIAGET, 1984, p. 64)

Existem pontos negativos em relação ao binômio - família e escola, pois alguns pais não participam da vida escolar de seus filhos. Geralmente quando surge um problema com referentes a alunos, pertencentes às famílias as quais não participam devidamente da vida escolar de seus filhos, torna-se extremamente difícil ter um diálogo com os mesmos. Onde deveria haver uma concatenação entre ambas as partes para solucionar os problemas desses alunos, gera-se um conflito entre a família e a escola.

Outro fator que interfere nessa interação da família com a escola é a superproteção dos pais com os filhos. É comum os pais tentarem, a todo custo, proteger os filhos das

A INTERAÇÃO FAMÍLIA

dificuldades, os dissabores, das frustrações, das responsabilidades, enfim, de tudo que possa causar sofrimento a eles. Sempre que os pais podem fazer algo para evitar que o filho enfrente alguma situação de mal-estar eles o fazem prontamente.

A atitude de proteção não restringe à vida escolar do filho. É bem mais ampla. Vai desde um detalhe, como acionar uma trava na porta do carro que não permite que ela seja aberta pelo filho, até buscar uma solução rápida e eficiente para um conflito entre irmãos ou amigos a fim de evitar uma consequência maior. Tudo é feito com o maior carinho e sendo de proteção paterna e materna.

Quando a criança percebe que os pais sempre estão dispostos a fazer por ela, a providenciar para ela, a interceder por ela, essa criança torna-se insegura e frágil perante desafios, torna-se sem coragem para arriscar, enfrentar e saber que pode errar.

É na escola onde essa insegurança vai ter seus maiores reflexos. Será nesse momento que esses pais com esse determinado perfil manterão essa postura não permitindo que o professor desenvolva o seu trabalho como planejado, às vezes tirando até mesmo a autoridade do educador dentro da sala de aula.

É imprescindível que a família incentive a criança a buscar soluções, a fazer tentativas, pois é errando que se aprende, desde pequenos detalhes à situações mais complexas, para que ela construa paulatinamente sua autonomia e independência dos pais. Oliveira afirma que:

Normalmente, quando nos referimos ao desenvolvimento de uma criança, o que buscamos compreender é até onde a criança já chegou, em termos de um percurso que, supomos, será percorrido por ela. Assim, observamos seu desempenho em diferentes tarefas e atividades, como por exemplo: ela já sabe andar? Já sabe amarrar sapatos? Já sabe construir uma torre com cubos de diversos tamanhos? Quando dizemos que a criança já sabe realizar determinada tarefa, referimo-nos à sua capacidade de realizá-la sozinha. Por exemplo, se observamos que a criança “já sabe amarrar sapatos”, está implícita a ideia de que ela sabe amarrar sapatos sozinha sem necessitar da ajuda de outras pessoas. Esse modo de avaliar o desenvolvimento de um indivíduo está presente nas situações da vida diária, quando observamos as crianças que nos rodeiam, e também corresponde à maneira mais comumente utilizada em pesquisas sobre o desenvolvimento infantil. O pesquisador seleciona algumas tarefas que considera importantes para o estudo do desempenho da criança e observa que coisas ela já é capaz de fazer. Geralmente nas pesquisas existe um cuidado especial para que considerem apenas as conquistas que já estão consolidadas na criança, aquelas capacidades ou funções que a criança já domina completamente e exerce de forma independente, sem ajuda de outras pessoas.(OLIVEIRA, 1993, p. 58)

A falta de informações a respeito dos conteúdos a serem trabalhados no decorrer do ano letivo é outro fator que interfere na interação entre a família e a escola. Isto é, os pais que não

participam das reuniões, onde será apresentado o plano curricular da escola e o Projeto Político Pedagógico (PPP).

Geralmente, essa família apresenta-se à escola contestando que o professor não ministra bem a sua disciplina, até mesmo almejando interferir no planejamento das aulas do professor. Com a concepção de que as aulas deveriam ser semelhantes à educação a qual recebera há algum tempo atrás.

Cabe à escola fazer uma reunião, convidando e cobrando a presença dos pais, esclarecendo as dúvidas dos mesmos. Apresentando a proposta da instituição, enfatizando as transformações pelas quais, a educação passou, demonstrando a eles, qual o perfil de cidadão a escola almeja formar para que este seja inserido à sociedade contemporânea.

É relevante frisar que para existir integração entre a escola e a família é imprescindível que ambas caminhem lado a lado numa mesma direção. Ajudando-se mutuamente, procurando a busca de soluções para os problemas referentes à formação da criança. Estar sempre buscando um consenso, sem antagonismos, facilitando o processo de ensino-aprendizagem, tendo como referência o ponto comum que existe entre as duas realidades: a formação da criança pela cidadania.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este estudo evidenciou-se o quanto é importante a relação Família/Escola no processo de ensino aprendizagem da criança, relatando as contribuições que esta relação trará para o desenvolvimento da educação com o apoio dos pais e a participação da escola.

Tanto a família quanto a escola são pilares fundamentais para o bom desempenho escolar, portanto, quanto melhor for a parceria entre estas duas instituições mais positivo será o resultado.

No ambiente escolar, é normal que venha a surgir conflitos entre os envolvidos, caso ocorra, é imprescindível que haja acima de tudo diálogo, para que possam buscar juntos, soluções, considerando que neste processo existem pensamentos diferentes.

Nota-se também a ausência da família na vida escolar da criança. Geralmente, acontece quando a família passa à escola responsabilidades as quais cabem a ela assumir.

A INTERAÇÃO FAMÍLIA

O professor precisa do auxílio dos pais para recorrer caso as crianças venham a ter problemas de comportamento ou até mesmo dificuldades de aprendizagem. É imprescindível que a família assuma o seu papel na vida da criança, uma vez que o professor, sozinho, não consegue êxito pleno sobre o processo de aprendizagem da criança.

Percebe-se que as famílias e a escola precisam caminhar juntas em prol de um mesmo objetivo. Procurando sempre resolver os conflitos em conjunto, sem antagonismos; a escola cumprindo seu papel e a família assumindo suas responsabilidades referentes à criança. Aliás, dentro do processo educativo, todos os segmentos necessitam caminhar juntos, na mesma direção. E, quando falamos todos, não estamos nos referindo apenas ao professor e ao aluno, e sim aos pais, funcionários da escola (vigia, merendeira, secretárias, gestores), e também a comunidade que faz parte da entorno da escola.

A família tem papel importante, assim como a escola. Cada uma dá sua contribuição a seu tempo e modo. A participação dos pais na educação formal dos filhos deve ser constante e consciente. A responsabilidade da escola inicia quando termina o da família e vice-versa. Vida familiar e vida escolar são simultâneas e complementares. Ambos têm uma importância em comum: preparam para a sociedade seus futuros cidadãos.

Para isso é indispensável a necessidade de se buscar mecanismo de integração da família na escola para melhorar a qualidade do processo ensino aprendizagem.

Contudo, fica comprovada que educação não se faz sozinha, é necessário envolvimento assíduo das famílias junto à escola, ambas com papéis diferentes na vida das crianças, mas perseguindo o mesmo objetivo e com responsabilidades que merecem destaque no desenvolvimento crítico do cidadão.

Desta forma, esperamos que este trabalho possa colaborar com outros estudos em diferentes áreas de conhecimento no sentido de ressaltar a importância da interação família/escola num contexto de parceria baseada em fatores positivos e gratificantes relacionados ao aprendizado, desenvolvimento e sucesso dos alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÉS, Philippe. História social da criança e da família, 2ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1978

SOUSA, V.

ARROYO, Miguel G. *Ofício de Mestre: imagem e auto-imagens*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes. 2000.

BRAGHIROLI, Eliane Maria. *Psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2002.

COMÊNIO, João Amós. *Didacta Magna*. Rio de Janeiro: Simões, 1954.

DEHELNZELIN (1986) IN: *Primeiros Passos, Centro de Estudos Escola da Vila*. São Paulo, 1986.

MUSSEN, Paul. H. *O Desenvolvimento Psicológico na Criança*. Rio de Janeiro: Zahar. 1970.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de L.S. *Vygotsky: algumas ideias sobre o desenvolvimento e o jogo infantil*. São Paulo: FDE, 1993.

OLIVEIRA, P.S. *Introdução à sociologia da educação*. São Paulo: Ática, 1993.

PIAGET, Jean. *Para onde vai a educação?* Rio de Janeiro. José Olímpio, 1994.

PLATÃO, Protágoras (fragmento In: Freitas, Gustavo de 900. *Plátano* 1977:74).

ROUSSEAU, Jen Jacques. *Emilio ou da Educação*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968.

VIGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.